

## MORALIDADES: BREVE REFLEXÃO SOBRE A RECEPÇÃO DE *O MENTOR DAS BRASILEIRAS*

Maria Alciene Neves (UFSJ)  
Adelaine Laguardia Resende (UFSJ)

“Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras,  
Sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!

(Cecília Meireles)

### Introdução

A posição da mulher brasileira na família e na sociedade desde o princípio da colonização sempre evidenciou um modelo patriarcal e androcêntrico, no qual ela desempenhava um papel subalterno em relação ao homem. Principalmente no meio rural, além de se casarem muito cedo, essas mulheres eram educadas para o recato do lar e para o silêncio dos seus afazeres, tendo que aceitar, por exemplo, que seus maridos mantivessem relações sexuais com as escravas. A essas mulheres brancas era negado, inclusive, o prazer sexual. A subserviência delas ao poder patriarcal era inscrita, especialmente, pela ignorância e falta de maturidade.

Já o Brasil do século XIX foi palco de muitas transformações no modo de viver e de pensar. À medida que o processo de urbanização se consolidava, a vida da mulher sofria algumas modificações. Influenciada pelas Luzes européias, a nossa emergente elite intelectual representada, principalmente, pelos liberais moderados abraçou as idéias importadas das nações “civilizadas”, dentre elas, o projeto de instruir as mulheres. No entanto, vale salientar que esse tipo de instrução era disponibilizado geralmente para aquelas mulheres brancas da elite urbana, as quais começavam a ter acesso à vida cultural da “boa sociedade” e precisavam ser “agradáveis” nas rodas de conversas das reuniões sociais.

Para entendermos melhor esse “nobre” intuito é preciso nos livrar dos grilhões da ingenuidade, libertarmo-nos das amarras discursivas que envolvem as narrações construídas nesse período, de forma especial, das décadas de 1920 e 1930. Mesmo tendo acesso a certa instrução, essas mulheres não atuavam na mesma esfera que os homens, não tinham a mesma autoridade que eles.

Os periódicos cumpriam de certa forma essa empresa, ou seja, através deles era possível cumprir o papel pedagógico da instrução moral e política, termos indissociáveis, especialmente, no período que compreendeu o fim do Primeiro Reinado e início das Regências aqui no Brasil.

É nesse ínterim que surge *O Mentor das Brasileiras*, periódico publicado entre novembro de 1829 e junho de 1832, na então Vila de São João del-Rei, principal

província da Comarca do Rio das Mortes. Esse é o segundo jornal<sup>1</sup> cujo surgimento tenta cumprir o propósito civilizatório da nação a partir da instrução do “bello sexo”. Nas palavras do redator:

He pois para dar maior expansão ao gênio, que tanto se desenvolve nesta alma da sociedade (como chamou certo filosofo) que tomamos a ardua, mas interessante tarefa de redigir esta Folha, dedicada tao somente às estudiosas brasileiras, que algum dia serão collocadas a par, e talvez acima das heroínas tão celebradas nas outras Nações civilisadas. (*O Mentor das Brasileiras*, 1829, p. 2-3).

Nas entrelinhas, a figura da heroína evocada pelo redator representa um artifício para convencer as mulheres a seguir o manual de conduta proposto pelo jornal. As regras ditadas através de gêneros textuais diversos primavam por um exemplo ideal de mulher. Havia a discussão sobre qual deveria ser a função da mulher na sociedade ante os ideais do Liberalismo. No entanto, para cumprir seu papel social, a mulher teria que desempenhar de forma exemplar suas atribuições de esposa e mãe.

Assim, *As senhoras pelos deveres, que lhes são inherentes* [grifo meu] *fazem o fundamento principal da sociedade humana, e por isso são dignas de huma instrução mais sólida, e capaz de promover o bem geral de huma nação*, (*O Mentor das Brasileiras*, 1829, p.2-3). Esses deveres correspondiam à administração da casa, pautada em valores sublimes (valores liberais). Ao conceberem esses valores, as Senhoras teriam condições de dar *hum realce não pequeno á marcha, e bom andamento do Systema de Governo, que nos rege* (*O Mentor das Brasileiras*, 1829, p.3). Isso seria possível por que ao instruir o “bello sexo”, estariam sendo instruídos também os maridos e as crianças.

O periódico em estudo para cumprir o intento pedagógico apresentava uma série de seções que correspondiam desde o ensinamento da História do Brasil a anedotas que ilustravam questões do cotidiano. Todo o conteúdo do jornal, seja ele notícia, conto, anedota, carta etc., trazia subseqüentemente uma explicação do redator, uma espécie de esclarecimento, de direcionamento da leitura. Dessa forma, percebemos o cerceamento contido na folha.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a recepção do periódico por parte das leitoras através das correspondências enviadas ao jornal. Para cumprirmos esse objetivo faremos um recorte cujo objeto de estudo será algumas correspondências que circularam entre dezembro de 1829 a maio de 1830.

Vamos trazer à cena discussões acerca da construção do discurso moralizante da época, o papel que era determinado ao “brando sexo”, como era tratada a questão da moda e da beleza.

A partir da “textanálise”, tentaremos evidenciar indícios da relação que se estabelecia entre texto e leitor, confrontando as narrativas dos editores com a das leitoras. Também discutiremos quais efeitos e impressões essas narrativas do jornal provocavam nas mulheres, principais destinatárias do periódico.

Segundo Resende (2005), *a escrita do editor e colaboradores de um jornal advém de modos de leitura, da percepção da sociedade e de um lugar de enunciação*<sup>3</sup>. Essa enunciação ao atravessar o enunciado vai provocar determinadas reações na recepção, as quais são predeterminadas pelas “estruturas de apelo” contidas no texto.

No processo de recepção de um texto narrativo, Todorov aponta dois traços importantes contidos nos fatos enunciados – significação e simbolização. Assim, *os fatos*

*significados são compreendidos: para isto basta que se conheça a língua na qual este texto está escrito. Os fatos simbolizados são interpretados; e as interpretações variam de um sujeito para outro.* (1980, p. 88).

No *Mentor*, a possibilidade de se variar as interpretações das narrativas é bastante reduzida, uma vez que o próprio editor realiza este trabalho para a leitora. Após as narrativas, ele cumpre o papel que caberia a ela - interpretar o enunciado. Um outro aspecto relevante no jornal é a repetição, através dela percebemos a tentativa de construção do imaginário a partir de valores a serem inculcados no público feminino. Essas duas questões refletem a ausência de espírito crítico de boa parcela das mulheres, que se apropriava de uma narrativa ficcionalizada.

Na primeira parte, intitulada *Cartas de Swift – “manual” das noivas*, discutiremos o padrão “ideal” de comportamento feminino na família patriarcal no Brasil a partir dos estudos de Heleieth Saffioti (1979). Depois tomando por base Elizete Passos (2002), analisaremos a posição das mulheres enquanto “seres para os outros” na sociedade patriarcal e falocêntrica do século XIX.

Na parte seguinte, *Horizonte das Leitoras*, trataremos da recepção das idéias defendidas pelos redatores do jornal a partir das correspondências que circulavam nesse periódico. Constância Lima Duarte (2002) será o aporte imprescindível para pensarmos a questão da educação feminina no século XIX.

Já na terceira parte, *Moda e Mulher*, pensaremos, diante dos padrões de moral e conduta patriarcais, como era pensada a questão da moda e da beleza aqui no Brasil. A partir de Elizete Passos faremos alguns apontamentos sobre a feminilidade inscrita no biológico.

### **Cartas de Swift – “manual” das noivas**

O casamento enquanto instituição que se pretendia indissolúvel representava a aspiração de todas as “boas moças”, senão de toda família, da sociedade brasileira do século XIX. Bordieu reflete sobre as exigências em torno do padrão de comportamento feminino e sua coerência com a ideologia da sociedade patriarcal, que não valoriza na mulher sua competência enquanto intelectual ou sua capacidade de liderança, *mas as qualidades que agradam aos outros, destacando a beleza “física e moral”*. (Bordieu apud Passos, 2002, p. 63).

A organização da família patriarcal no Brasil teve influência direta sobre a consolidação do padrão de comportamento da mulher. Para Saffioti, *diante das diferenças de grau de liberdade e de posição que conferia ao homem e à mulher, o casamento representava praticamente a única carreira aberta a esta* (1979, p.169). Para alcançar tão grandiosa empresa, era preciso seguir determinadas regras morais e sociais.

O *Mentor* como propagador dessas regras e instrutor das mulheres publicou um texto cujo título era *Carta enviada por Swift á huma Noiva sobre a maneira de se conduzir no estado de casada*<sup>4</sup>. O remetente assumia supostamente a posição de amigo da família e do noivo e, assim, tecia uma série de regras para orientar a conduta da noiva depois de casar-se.

A carta de Swift é provavelmente retirada do *Journal to Stella* (publicado em 1766). Stella, na verdade, se chamava Esther Johnson, era (talvez) filha ilegítima de Sir William Temple, de quem Swift foi secretário em Surrey. Embora Esther tivesse apenas

oito anos de idade quando Swift a conheceu (ele tinha 23 anos na época), os dois se tornaram amantes para o resto da vida. As cartas foram escritas à amada quando o autor irlandês vivia em Londres – não há registro de casamento entre os dois. Depois, quando Swift se mudou para Dublin, Esther transferiu-se também para lá. Ela morre de causas desconhecidas dez anos antes de Swift.

Fica clara na carta a condição de “fragilidade” atribuída ao sexo feminino no discurso do remetente. Entendamos aqui fragilidade não apenas no sentido de força física, mas a fragilidade dos costumes, da moral, da conduta feminina. Nas palavras de Swift: *devereis entrar em nova carreira, em que necessitareis de prudentes e sábios conselhos, que vos guardem e preservem daquelles defeitos, nimiedades, e ninharias, que demasiadamente costumao atacar o vosso sexo. (O Mentor das Brasileiras, p. 19, 1829)*. Essa postura aponta de certa forma para demarcação dos espaços e posições que homens e mulheres deveriam ocupar na Antigüidade clássica. Para os gregos, *o fato das mulheres serem consideradas passionais, briguentas e ciumentas justificava que elas fossem excluídas da polis – espaço privilegiado do ser racional – dos homens e segregadas no espaço interno do lar. (Passos, 2002, p.60)*

A voz da enunciação na carta é masculina, para esse sujeito a única finalidade da instrução, da “cultura do entendimento” dada à mulher era “agradar aos maridos”. O editor põe uma nota questionando essa finalidade apontada pelo remetente, para ele Swift *esquece-se de applica-la para os bons officios*<sup>5</sup>. Os bons officios referidos pelo editor do jornal correspondiam à educação dos filhos e à orientação do marido.

No excerto abaixo, podemos ter uma noção do teor das instruções dadas na carta:

Recebi pois com bondade, doçura, e a mais seria attenção as minhas instruções, de que dependem não so a vossa reputação e bom conceito, mas também a vossa felicidade, e da pessoa a quem mais deveis amar [...]  
Aconselho-vos em primeiro lugar, que não deixeis aquelle pejo e encolhimento de huma Donzella modesta; [...] Não deis a vosso marido provas de amor e carinho deante de gente, ainda mesmo em presença de pessoas mais chegadas[...] Não queirais imitar aquellas mulheres que fingem tristeza, quando o marido esta ausente[...] que não podem jantar nem cear não estando o marido em casa; e quando estão, enfadao-se pela demora, fazendo soffrer o pobre marido hum enfadonho interrogatório – onde esteve? – que fez? – porque rasao se demorou? [...] modereis hum pouco essa paixão, que tendes pelos enfeites e modas, que tanto domina no vosso sexo .

Regra geral: Também devo prevenir-vois sobre a escolha das vossas amizades, como hum dos mais importantes pontos do vosso comportamento. (*O Mentor das Brasileiras*, 1829, p. 20)

Na conclusão, Swift acrescenta: *Muito desejaria eu que a vossa assembléa contasse de mais homens, que de mulheres (O Mentor das Brasileiras, 1829, p.38)*. De acordo com ele, os homens ao estarem presentes nas conversas femininas poderiam controlar o que era falado, poderiam pontuar a conversação, em outras palavras, o direito à fala, ao convívio com outras mulheres só seria possível mediante uma presença masculina controladora, cerceadora, vigilante. E acrescenta, *O negocio principal porem de vossa vida será ganhar e conservar a amizade e estimação de vosso esposo. (O Mentor das Brasileiras, 1829, p.38)*.

Caso a mulher não seguisse esses conselhos e, sobretudo não cuidasse em cultivar as atenções do marido, correria o risco de ser ignorada por ele. Manter o casamento

parecia ser apenas responsabilidade da consorte. Caberia a ela suprir a falta de formosura na velhice com atributos que agradassem ao marido, subserviência, por exemplo.

E ainda que este mesmo não seja capaz de vos offender, poderá todavia succeder com o tempo, que venhaes a ser para elle objecto de indiferença, ou talvez de desprezo, se não souberes suprir a falta de formosura com outras mais duráveis e permanentes qualidade. (O Mentor das Brasileiras, 1829, p.39).

Demonstrar o amor pelo marido em público ou ser seguidora de modas eram práticas condenáveis às boas esposas. Em suma, a vida de mulher casada constituía um verdadeiro cárcere uma vez que à mulher só se era permitido viver à sombra do marido, ela seria um espectro sem voz, um ser-objeto que trocava a subalternidade ao pai pela subserviência ao marido.

Para assumirem a função de boas mães e boas esposas, teriam que se transformar em pessoas tolerantes, submissas, abnegadas. Aceitando o papel de objeto determinado por outrem (masculino) e introjetando os valores patriarcais, *sua subjetividade se fazia na relação com os homens e com os outros, como “seres para os outros”*. Somente assim elas teriam possibilidades de “ser”: *jovem ou velha, filha, mãe-esposa*. (Passos, 2002, p. 65)

Essa imagem de “mulher-vitrine” atravessou boa parte do século XIX, o modelo de boa mãe e esposa representava o ideal de ser-objeto a ser adquirido e o preço era a subordinação total ao ser-sujeito masculino. É bem verdade também que essa é uma leitura respaldada no contexto dos séculos XX-XXI. Talvez, as mulheres da época tomassem para si essa suposta imagem emancipatória sustentada pelo jornal e não se dessem conta da complexidade de interesses que estava por trás desse discurso.

Vale lembrar que às mulheres fora negado por séculos a fio o direito à educação formal. Dessa forma, para elas, talvez, o fato de o jornal defender esse direito, representasse grande avanço.

### **Horizonte das leitoras**

No *Mentor das Brasileiras* há uma seção de correspondências cujas cartas são direcionadas ao editor e/ou redator do jornal com comentários, sugestões e poucas críticas. No entanto, podemos observar também que há uma incidência relativa de cartas do leitor que aparecem fora dessa seção. Por isso, ao selecionar o material levamos em conta inclusive as cartas fora da seção *Correspondências*.

Numa tentativa de despertar o nacionalismo das brasileiras, nascia então o discurso da Constituição, aqui Nação era entendida como o *locus* da Pátria, era preciso lutar contra a Monarquia absolutista em favor do Liberalismo moderado. Frequentes são as vezes nas quais o editor dirige-se às leitoras como “patricias”, tentava-se despertar nas mulheres o sentimento de patriotismo para que assim elas pudessem despertá-lo também nos filhos e maridos.

As cartas, supostamente enviadas por mulheres, sempre eram assinadas com pseudônimos, o que mostra a ilusória “liberdade” permitida a elas. Quando as vozes femininas ressoavam, eram vozes sem rosto. Na verdade, não era de bom tom que as mulheres da época fizessem aparições públicas (isso poderia chocar a sociedade), por isso

inclusive o Mentor, ao pedir a participação delas no editorial de nº 1, promete manter secreto quanto à sua identidade. Raras vezes as mulheres “assinam” o que escrevem – exceção concedida a mulheres designadas a atuar na educação pública, como era o caso de Tertuliana Policena, Francisca Beatriz Brandão e outras.

Na maioria dos textos é perceptível a adesão das estudiosas ao “cânone patriarcal”, que primava pela dependência aos maridos e subordinação ao lar. Há certa ausência de espírito crítico nessas mulheres. No entanto, é preciso levar em consideração o fato de elas terem conseguido um avanço importante para a época – o direito à educação, como já foi mencionado. As mudanças nas concepções ideológicas acontecem de forma bastante lenta. Conforme Duarte, *se por um lado a conquista da instrução surgiu como uma das mais importantes reivindicações femininas, a educação representou, para a maioria, a ênfase em sua função moralizadora.* (2002, p.278).

Numa carta datada de 30 de dezembro e assinada por uma *Brasileira Constitucional*, a leitora, pela escolha do próprio pseudônimo, já nos informa a sua adesão política à causa liberal. Ao refletir sobre o seu papel enquanto mulher, ela acaba por aceitar os desígnios falocêntricos das instituições: *A mulher, digo, parece destinada pela natureza, e espírito das instituições sociaes de todas as nações, ainda as mais livres, a administração caseira (O Mentor das Brasileiras, 1829, p.37).* Ser mãe-esposa conotava prestígio perante a sociedade. *À nova mãe de família cabia zelar pelo bem estar de todos, pela paz doméstica, pela educação e sobrevivência dos filhos e pela vigilância da moralidade.* (Duarte, 2002, p. 278).

Além do cumprimento dos papéis domésticos, cabia às mulheres zelar também pela Pátria. A educação filial deveria compreender os valores patrióticos, a defesa da Constituição. Um leitor masculino cognominando-se como *Hum Amante da boa ordem*, desfia elogios a uma senhora de nome Cânula da Silveira, por ter oferecido seus dois filhos para o serviço e defesa do Império :

Sim, Sr. Redactor, a vista de hum rasgo tão exemplar eu emudeço, e somente dirijo os meos votos ao Supremo Arbitro dos Impérios, para que a conserve entre as brasileiras, e que estes heroes seos filhos, (talvez ainda militares) sendo premiados pelo Nosso grande monarcha, voltem a abraçar tao virtuosa Mãe. (O Mentor das Brasileiras, 1930, p. 70).

Ter os títulos de *Mãe e Esposa* era uma condição edificante para as representantes do “Bello sexo”. Entretanto, para que esses títulos fossem galgados e considerados prestigiosos seria necessário cumprir as orientações projetadas pelas “mentes pensantes” da época, dizer que elas eram mentes predominantemente masculinas não seria tão redundante assim. O fato que esse discurso da “mulher ideal”, pautado nos modelos ingleses de família burguesa, contaminou muitas de nossas brasileiras. A imagem da mulher responsável pela “regeneração social” e pelo bem da família foi defendida por muitas de nossas intelectuais do século XIX. No *Livro das Noivas*, escrito por Júlia Lopes, publicado no fim desse século, ainda encontramos ressonância desse discurso idealizante. Para ela: *A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral.* (Almeida apud Duarte, 2002, p. 279).

*Huma sua assignante* envia ao jornal um hino escrito *pela Senhora D. Beatriz Francisca de Assis Brandão*. O conteúdo do hino revela a exaltação da Pátria a partir da

ideologia política liberal. Há um tom de louvor ao Imperador, conclamando-o a subir ao trono para dar à *Pátria* liberdade e salvar a *Glória da nação*:

“Vive Augusto, Vive, Impera;  
O Brasil, a Pátria nossa  
Possa livre e sempre possa  
Dar ao mundo esta lição

Sobe ao throno, que te offerta  
Grato Huto Povo Liberal  
Cinge o Lauro Imperial  
Salva a Gloria da nação. (O Mentor das Brasileiras, 1830, p.136)

Em outra carta cujo título era “A causa da Pátria também he vossa”, a remetente identificava-se como “Baependyanna amante da Constituição”. Após fazer elogios à Imperatriz, ela mostra-se disposta a sacrificar-se pela Pátria:

“(…) pela minha parte seguro-lhes, que se a Pátria exigisse os meos sacrifícios, meo sangue, meo esposo, meos filhos, meos bens, tudo sacrificaria gostosa para liberta-la”(…) “agradecendo a vv. Mm. O trabalho que tomarão para instruírem o meo sexo, queirao continuar tão benéfica tarefa, e contem com o reconhecimento de sua constante leitora”(O Mentor das Brasileiras, 1830, p. 172).

Parece-nos que as idéias defendidas pelo *Mentor*, de certa forma, surtem efeito nas leitoras, que apontam para uma apropriação da narrativa construída pelo jornal. A remetente da última carta parece convencida dos benefícios da instrução proposta pelo jornal como também demonstra uma carga de sentimentalismo ao falar da Pátria.

Muitos dos textos de *O Mentor das Brasileiras* são compilações de outros jornais. Encontramos, retirado do periódico Universal, o texto *Bello exemplo de heroísmo*:

Annunciando-se a huma matrona da Grécia a morte de hum seo filho, que tinha acabado em hum combate defendendo valerosamente a liberdade da Pátria, ella respondeo com muita tranqüillidade – Quando eu o dei ao mundo, não foi de certo para outro fim.

Comentário do editor:

Que nobres sentimentos não infunde em ambos os sexos o amor da liberdade fomentado por huma sabia Legislação!!! (O Mentor das Brasileiras, 1829, p. 32).

O exemplo tirado da Grécia, referência da civilização cultural, não tem outra finalidade além de sensibilizar o receptor. Enaltecer a nobreza dos sentimentos da personagem, a qual é guiada pela Lei, sinaliza a necessidade de se seguir um exemplo. O uso triplo do sinal de exclamação mostra-nos o quão enfático o emissor pretende ser para convencer o leitor. Platão e Fiorin afirmam que:

(…) quando se lê um texto nota-se que, em princípio quem o produziu está interessado em convencer o leitor de alguma coisa. Todo texto tem, por trás

de si, um produtor que procura persuadir o seu leitor (ou leitores), usando para tanto vários recursos de natureza lógica e lingüística<sup>6</sup>.

Numa outra carta direcionada ao redator de *O Mentor das Brasileiras*, a *Patriota Baependyanna* volta a destacar sua posição política enquanto mulher e patriota. Ao citar os confrontos entre Corcundas - como eram chamados os monarquistas - e constitucionais, coloca-se como partidária dos segundos, que de acordo com ela são tão perseguidos como os mártires da Igreja católica. É possível notar que o discurso político, muitas vezes, converge com o religioso.

“He no meio das **perseguições** [grifo meu], que se esta plantando o systema constitucional, e por mais que os viciosos corcundas, abrasados em cobras tenham inventado muitas perseguições até contra matronas honradas de reconhecida virtude, unicamente por seos filhos amarem o systema atual, com tudo tão infando procedimento apenas servira de eterna vergonha e confusão para os autores de medidas tão perversas” (...)  
“Eu, e todas as queridas patrícias os aborrecemos e estamos juntamente prontas a sacrificar até a vida comtanto que sempre digamos viva a constituição Brasileira” (*O Mentor das Brasileiras*, 1930, p. 165-166).

Os textos desses leitores nos auxiliam no sentido de investigar a recepção de outros textos numa determinada época, no caso o século XIX. Uma das vertentes da estética da recepção *concebe o texto como objeto histórico, Jauss entende a permanência de uma obra através do tempo em função da atuação do público sobre essa obra*<sup>7</sup>. As transformações culturais e políticas atuam de forma incisiva nesse sentido, ou seja, ao estudarmos a recepção de determinados textos, mesmo os considerados não-literário, teremos indícios das configurações políticas inscritas num determinado momento histórico. A brevidade de muitos dos periódicos que circularam no século XIX pode estar associada a essas mudanças de concepções.

## Moda e Mulher

A chegada da família real ao Brasil em 1808 trouxe de certo muitas mudanças no modo de viver das brasileiras. Uma influência marcadamente relevante é, sem dúvida, a questão da moda. A corte adere à moda parisiense, e é da corte que se disseminam as tendências para o restante do país<sup>8</sup>.

A suntuosidade dos adornos femininos incomoda a alguns homens. No periódico *O Mentor das Brasileiras* as seções sobre moda são bastante esparsas. A moda passa a ser associada à “frivolidade de espírito”, segundo o redator, *o extraordinário, o exquisito no trajar somente provão falta de gosto, de juízo e hum amor próprio tão ridículo, quanto reprehensível.* (*O Mentor das Brasileiras*, 1830, p. 203).

Este quesito parece ser o único a que as mulheres são resistentes em aceitar. Uma das leitoras identificada como *A Sentinela do Mentor*, ao cobrar dos editores alguns artigos sobre moda, obtém como resposta: *pois então cuidemos, sendo preciso, nos mesmos na invenção das modas; e não vamos ser unicamente imitadores das Nações estrangeiras* (*O Mentor das Brasileiras*, 1830, p. 148-150).

Inferimos então que nesse discurso contra a moda das “nações estrangeiras” estavam implícitas duas questões. A primeira é meramente política. Ora, sabendo-se que a monarquia no Brasil foi a responsável pelo hábito de se importar costumes europeus, especialmente vindos da França, seria natural que este costume fosse atacado pelos defensores do Liberalismo, uma vez que eles faziam oposição política. Em segundo lugar o jornal *O Mentor* defendia a modéstia como o mais importante adorno para tornar uma senhora distinta. Na verdade, havia uma preocupação em não desperdiçar as fortunas das famílias nem dar às mulheres o poder de engendramento, de criação que, por exemplo, as francesas tinham. As questões voltadas para a moda, segundo o redator, geravam disputas e intrigas entre as mulheres. Vejamos o que diz o excerto abaixo sobre as francesas que criavam moda:

A sorte de huma Senhora destas não tem nada para invejar. Os trabalhos de cabeça precisos para idear alguma cousa de nova, as intrigas para desacreditar as invenções das rivaes, e enthronisar as suas, o desappontement dos revezes tem destruído a felicidade de mais de huma beldade e os enormes gastos, consequência de taes pertençaes. Tem devorado o patrimônio de milhares de famílias. (*O Mentor das Brasileiras*, 1928, p. 7).

De acordo com Saffioti, *eram os filhos e não as filhas da casa-grande, que recebiam educação na Europa e que promoviam as inovações sociais e políticas e até mesmo alterações na moda feminina*. (1979, p. 173). Em outras palavras, os homens “vestiam” as mulheres tanto em relação ao intelecto quanto à moda.

É comum no jornal o envio de traduções de textos estrangeiros que rezam sobre moralidades. Há um artigo no periódico que traz a *tradução de huma obra recommendavel por seos excelentes princípios de moral e de política*<sup>9</sup>, a qual trata de um pai que fala a sua filha e lhe pede que *não dê mais atenção aos “enfeites” do que ao asseio, à decência e ao bom senso*.

Como exemplo da resistência das leitoras em não acatar o discurso dos redatores a respeito da moda, há uma carta escrita por uma leitora cujo pseudônimo é *Amiga do bom gosto*, que numa linguagem bastante contida argumenta em favor do mercado dos “adornos femininos”:

“Verdade he que o luxo e as Modas forão sempre o alvo da Crítica dos filósofos: mas estes ataques não poderão prevalecer ainda contra a forza irrepitivel do costume: porque o costume he a principal base da opinião publica”

He certo que o Luxo e as Modas tem os seos inconvenientes mas também produzem grandes vantagens, promovendo os progressos das Artes, e fomentando differentes ramos da industria que fazem subsistir muitos milhares de indivíduos, que a impossibilidade de se entregarem à cultura da terra reduziria à ultima miséria. (*O Mentor das Brasileiras*, 1930, p.182-183)

Na “arte de ser mulher”, a delicadeza, a discrição, a modéstia representavam fortemente a construção – bastante utópica – da mulher perfeita. Na visão masculina representada no jornal em estudo, a “moda” representava um perigo, uma ameaça contra os bons princípios da ordem e da moral. Era preciso guiar o “sexo frágil”, instruir as almas através da admoestação do corpo. De acordo com Passos:

A feminilidade não depende de confirmações (como ocorre com a masculinidade), porque ela se inscreve no biológico. O corpo constitui-se a base para a imposição de padrões e normas de comportamento, entre os quais, destacavam-se a beleza, a pureza, a sujeição, passividade e dependência. (2002, p. 63).

Pensemos aqui na questão da Essência e da Cultura, o homem representa a cultura, a razão, precisa se afirmar como homem a partir da imposição e manutenção de determinadas regras sociais. Já a mulher, que é essência, instinto, “necessita” de adestramento, de alguém que burile a sua essência para que assim ela possa adequar-se ao que a cultura masculina espera dela. Em outras palavras, parece que a natureza era a representante do “grande macho” e servia de justificativa para as ações dos homens.

### Considerações finais

Procuramos discutir o papel da mulher na sociedade mineira do século XIX, o qual surge sob a máscara discursiva moralizante, patriarcal, falocêntrica, e tenta construir, nas palavras de Duarte, a “*mística feminina*” na qual a realização da mulher estava em cuidar do lar, ser uma boa mãe e esposa perfeita. (2002, p. 281)

A submissão continuava a ser o destino de todas as mulheres e sua posição social continuava a ser secundária. Saffioti ao discutir a questão dos diferentes tipos de educação direcionados a homens e mulheres, assim se pronuncia:

Escapava, assim, à mulher brasileira, em razão de uma educação totalmente diversa da masculina, uma grande oportunidade histórica para despertar para o mundo exterior, para fazer desabrochar de seu ser-objeto um ser-sujeito e rico de necessidades: do cultivo da razão e dos sentidos, da plenitude da vida afetiva, da independência econômica (1979, p.176).

A partir dos apontamentos sobre o modo de recepção dos textos, inferimos que o intento dos editores de *O Mentor das Brasileiras* surtiu bastante efeito ante as leitoras da época, que a narrativa ideológica em torno da pátria e da família foi também comungada por essas mulheres. Através do “elogio da maternidade”, elas sentiam-se, pela primeira vez, valorizadas, importantes. A possibilidade de ter acesso à instrução, sem dúvida, promovia um primeiro encantamento sobre as representantes do “bello sexo”. *Naquele momento, as mulheres não podiam mesmo perceber a nova forma de enclausuramento que se impunha, tão grande o seu poder e tão sedutores seus disfarces.* (Duarte, 2002, p. 281-282)

Notas:

<sup>1</sup> No Brasil, o *Espelho Diamantino* (1827-1828) publicado no Rio de Janeiro é considerado o primeiro voltado para o público feminino.

<sup>2</sup> Para preservar a originalidade da obra, privilegiamos a grafia original.

<sup>3</sup> Tese de doutoramento defendida em 2005 por Maria Ângela Resende de Araújo, UFMG, Belo Horizonte, p. 23.

<sup>4</sup> *Mentor*, 1829, p.19.

<sup>5</sup> Mentor, 1829, p. 19-20.

<sup>6</sup> Disponível em [webmail.faac.unesp.br/~pcampos/t6.htm](http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/t6.htm), acesso em 28 de janeiro de 2006

<sup>7</sup> Disponível em [webmail.faac.unesp.br/~pcampos/t6.htm](http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/t6.htm), acesso em 28 de janeiro de 2006

<sup>8</sup> Disponível em [www.facasper.com.br/cultura/site/entrevistas.php?tabela=dialogoentrevista&id=32](http://www.facasper.com.br/cultura/site/entrevistas.php?tabela=dialogoentrevista&id=32) - 21k – acesso em 30 de janeiro de 2007.

<sup>9</sup> Mentor, 1930, p. 202.

## Referências bibliográficas

DUARTE, Constância Lima. Apontamento para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Org. Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e Kátia da Costa Bezerra. Coleção Mulher e literatura, vol. 1. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002. Pág.60-66.

**MENTOR DAS BRASILEIRAS [O]**. São João del-Rei (MG).Typografia do Astro de Minas.1829-1832.

PASSOS, Elizete. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Org. Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e Kátia da Costa Bezerra. Coleção Mulher e literatura, vol. 1. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002. Pág.60-66.

RESENDE, Maria Ângela de Araújo. **A República em Folhetim: A “Pátria Mineira” formando almas**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Posição social da mulher na ordem escravocrata-senhorial e suas sobrevivências na sociedade atual. In **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes. 1979, p.160-204.

Tadié, Jean-Yves. **A crítica literária do século XX**. RJ, Editora Bertrand Brasil S.A., 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São paulo: Martins Fontes, 1980.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

### Página da internet:

A recepção do discurso. Disponível em [webmail.faac.unesp.br/~pcampos/t6.htm](http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/t6.htm), acesso em 27 de janeiro de 2007.